

Translinguagem e educação de surdos: possibilidades a partir da digitalidade

Virgínia Maria Zilio¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil

Resumo: O presente artigo discute a educação de surdos, considerando o atravessamento da digitalidade no atual contexto educacional, com o intuito de ampliar as possibilidades de interação e comunicação alinhadas aos pressupostos da condição da digitalidade. Assumindo a perspectiva translíngue, parte-se da experiência subjetiva encontrada em narrativas de youtubers surdos brasileiros para repensar posicionamentos e atitudes com relação à educação linguística de surdos. A partir das análises, observa-se a necessidade de uma orientação de maior abertura e menor restrição no que diz respeito aos contextos comunicativos, enfatizando duas características contemporâneas que se evidenciam nas condições do presente: o atravessamento digital e suas possibilidades e o multilinguismo possibilitado pela perspectiva translíngue. Considera-se que a educação bilíngue de surdos não deve ser o objetivo final da educação de surdos, mas sim o ponto de partida para uma educação linguística compatível com uma sociedade digital.

Palavras-chave: Educação Linguística de Surdos; Translinguagem; Digitalidade.

Title: Translanguage and deaf education: possibilities through digitality

Abstract: This paper discusses deaf education, considering digitality crossings in the current educational context, in order to widen possibilities of interaction and communication aligned with the assumptions of the digital condition. On the basis of a translanguing perspective, the study starts from the subjective experiences found in narratives of Brazilian deaf youtubers to rethink positions and attitudes regarding deaf language education. Data analyses demonstrate the necessity of orientation to greater openness and less restriction over communication contexts, emphasizing two contemporary characteristics which are evident in the current condition: the digital crossing and its possibilities, and multilingualism through a translanguage perspective. From these considerations, bilingual education for the deaf people should not be the final objective of deaf education, but the starting point for a linguistic education compatible with a digital society.

Keywords: Linguistic Education of Deaf People; Translanguage; Digitality.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) com bolsa PROEX/CAPES, Mestra em Educação (2020), Especialista em Libras (2020), Licenciada em Letras - Português/Espanhol (2017). Professora de Libras e Língua Portuguesa da educação básica em escola bilíngue de surdos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1166-7348>. E-mail: maria.zilio@gmail.com.

Introdução

Quando nos deparamos com a temática da educação de surdos, argumentos que se orientam pelas identidades ou pelo bilinguismo, entre outros, surgem para instituir as formas como se delimita esse campo. A discussão aqui proposta pretende colaborar com o debate acerca da educação de surdos, relacionando-a com o momento atual. Com isso, pretende-se considerar o atravessamento da digitalidade no contexto educacional e trazer a compreensão a partir da perspectiva translinguística para pensar as especificidades da educação de surdos. De acordo com Lewis, Jones e Baker (2012a apud GARCÍA; WEI, 2014), a partir da perspectiva translíngue, as línguas são utilizadas de modo dinâmico e funcionalmente integrado, capaz de organizar e mediar processos mentais na compreensão, na fala, na alfabetização, no letramento e na aprendizagem. Considerando que a digitalidade tem gerado mudanças significativas para a educação de um modo geral, impondo novas lógicas nas relações de interação e comunicação, recorre-se aos princípios da translinguagem como forma de ampliar os modos de pensar a educação de surdos nesse novo contexto e, assim, contribuir para este campo de estudos. O artigo constitui-se a partir de desdobramentos de uma pesquisa finalizada sobre as formas de ser e de estar no mundo, nas condições colocadas em uma sociedade digital. Assim, partindo da perspectiva translinguística, objetiva-se promover uma discussão sobre a educação de surdos de modo a ampliar as possibilidades de interação e comunicação, alinhada aos pressupostos da condição da digitalidade. Para tanto, vídeos de youtubers surdos brasileiros são utilizados para observar, nas narrativas sobre si mesmos, marcas da contemporaneidade digital em suas experiências subjetivas.

A década de 2020 está sendo marcada pelos efeitos de uma pandemia que nos forçou a um modo de vida que já vinha se estabelecendo antes, com a ampliação do acesso à internet e de novas tecnologias digitais. Durante a pandemia, trabalhar, estudar, comunicar e relacionar-se por meio de telas e redes digitais deixou de ser uma forma alternativa para ser a única forma possível de convivência. Tendo esse contexto como pano de fundo e partindo da noção de experiência subjetiva proposta por Sibilia (2016), investiga-se narrativas de youtubers surdos para discutir as possibilidades translinguísticas da educação desse público.

A discussão empreendida neste texto orienta-se pelo conceito da translinguagem por entender que a educação de surdos nunca se desprende da questão linguística. Além disso, a translinguagem permite que façamos distinções conceituais que possibilitam repensar o atual contexto (PINHEIRO *et al.*, 2021). Conforme Swanwick (2017), a teoria da translinguagem facilita a concepção de uma nova perspectiva sobre repertórios e competências linguísticas de crianças surdas. A forma como entendemos linguagem e translinguagem integra uma posição dialógica sobre como interagimos e como desenvolvemos as atividades (SWANWICK, 2017).

Nesse sentido, este artigo organiza-se da seguinte forma: na seção *Translinguagem e educação de surdos*, são abordadas algumas concepções de como a translinguagem é compreendida a partir de diferentes autores, destacando os contextos em que ela figura como possibilidade, com ênfase no contexto educacional de surdos. Seguindo, em *Educação de*

surdos na sociedade digital, analisa-se, a partir de narrativas de youtubers surdos, como a perspectiva translíngue pode contribuir para repensar a educação de surdos. Por fim, argumenta-se a possibilidade de ampliação de estratégias educacionais para surdos, partindo de uma noção linguística translíngue, entendendo que o bilinguismo não é o objetivo final da educação linguística de surdos, mas sim o ponto de partida para uma educação linguística compatível com o momento no qual vivemos.

Translinguagem e Educação de Surdos

A ideia de translinguar emerge de um contexto de coexistência de duas línguas. Conforme García e Wei (2014), o termo *translanguaging*, utilizado pela primeira vez por Cen Williams, descrevia uma prática pedagógica em uma sala de aula de falantes da língua galesa em contexto de ensino de língua inglesa. A prática consistia em alternar o idioma conforme o uso, receptivo (*input*) ou produtivo (*output*): os alunos liam em inglês e produziam em galês e vice-versa. Nesse sentido, a prática pode ser compreendida como um transitar entre línguas. Porém, a forma como García e Wei (2014) definem a translinguagem não permite pensar essas línguas como elementos separados, mas como componentes de um grande repertório linguístico. Conforme Baker (2011), os estudos de Cen Williams apontam estratégias capazes de desenvolver de maneira eficiente ambas as línguas, bem como de obter sucesso na aprendizagem de conteúdo.

Outra possibilidade de compreensão é a interpretação de Canagarajah (2011), que entende que as línguas, a partir do momento em que são aprendidas, passam a integrar o nosso repertório linguístico, ou seja, um único sistema linguístico. Conforme o autor, translinguagem é “a habilidade de falantes multilíngues de transitar entre línguas, tratando as diversas linguagens que formam seu repertório como um sistema integrado” (CANAGARAJAH, 2011, p. 401).

De modo a exemplificar visualmente a prática de translinguar, Fu, Hadjioannou e Zhou (2019) recorrem à organização espacial de uma casa para representar nossos repertórios linguísticos. Em uma perspectiva monolíngue, cada quarto dessa casa representaria uma língua pela qual optaríamos de acordo com a necessidade, mudando de um quarto/língua para outro/a conforme necessário. Assumindo a ideia de translinguagem, há um único grande espaço multifuncional que comporta todo o repertório linguístico de que dispomos e ao qual recorreremos conforme a necessidade. Nessa perspectiva, os recursos linguísticos são acessados de acordo com a necessidade de cada situação, não havendo uma delimitação entre uma língua e outra.

A perspectiva translíngue tem se mostrado muito produtiva para pensar contextos linguísticos nos quais coexistem línguas diversas, como, por exemplo, salas de aula que recebem alunos imigrantes refugiados, ou mesmo cidades historicamente colonizadas nas quais coabitam as línguas de imigrantes e a língua hegemônica nacional. Conforme Duarte, Aires e Lebedeff (2021), há falantes bilíngues que desfrutam de grande prestígio por fazerem uso de línguas hegemônicas, como o inglês ou o espanhol. Porém, há falantes bilíngues que

não gozam da mesma vantagem, como os descendentes de imigrantes de origem alemã e italiana do sul do Brasil e os surdos falantes de línguas de sinais. As autoras argumentam que a maioria das pessoas surdas vive entre ouvintes, predominando o uso da língua portuguesa como língua majoritária em detrimento da língua de sinais, considerada minoritária – esta geralmente utilizada apenas por pessoas surdas sinalizantes e por ouvintes inseridos nas comunidades surdas. Tal característica é um dos elementos que configura a histórica vulnerabilidade linguística que se atribui às pessoas com surdez (WITCHES; LOPES, 2020).

É comum encontrar estudos em que se utiliza a translinguagem para pensar contextos de bilíngues emergentes. O livro de Fu, Hadjioannou e Zhou (2019), por exemplo, descreve a realidade de diversas escolas estadunidenses que possuem salas de aula com até 26 idiomas diferentes envolvidos, espaços que exigem estratégias como as possibilitadas pela translinguagem. Na experiência dessas crianças e adolescentes que migram de outros países, geralmente refugiando-se de contextos de guerra ou perseguição, é comum o desconforto e desamparo devido à incompreensão linguística e, por vezes, cultural. A dificuldade em comunicar-se por desconhecimento da língua inglesa no ambiente escolar se contrapõe ao conforto do lar. Entre a família, a comunicação é fluida e ocorre por meio da língua materna, que representa a “língua de conforto”, uma língua que é natural e que possibilita entender e interpretar o mundo de forma completa e significativa, e permite a produção de sentidos por meio de enunciados nessa língua (SANTIAGO; ANDRADE, 2013). O mesmo não costuma acontecer com crianças surdas filhas de pais ouvintes. Para essas crianças, o lar geralmente é um espaço de incompatibilidade linguística, configurando um contexto de incompreensão. O ambiente escolar, quando promove a comunicação em língua de sinais, torna-se um espaço de compatibilidade linguística ao oferecer a possibilidade comunicativa e interativa.

Diante disso, cabe uma breve problematização sobre o contexto produzido pela pandemia de Covid-19, quando, depois de quase dois anos de isolamento, as aulas presenciais começaram a ser retomadas. Uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional da Juventude sinalizou que, entre os anos de 2020 e 2021, o percentual de jovens que estavam fora da escola passou de 26% para 36%. Desses, cerca de 56% trancaram a matrícula no início de 2020 (CONJUVE, 2021). Conforme a pesquisa, dentre os motivos dos números de evasão estão o baixo engajamento com o modo de ensino e os conteúdos trabalhados e os problemas de saúde, dentre eles a depressão. Observa-se que, no contexto escolar brasileiro, por diversos motivos, o retorno às aulas presenciais apresentou problemas que mantiveram muitos alunos afastados das escolas. Por outro lado, no contexto escolar de surdos, ao oferecer a possibilidade de interação linguística, a escola acaba por se tornar um espaço mais atrativo ao aluno do que a sua própria casa. A partir de pesquisas que analisaram a situação de alunos surdos na pandemia, observa-se a dificuldade de comunicação entre os familiares e a criança surda, truncando não só a possibilidade de suporte ao seu aprendizado, mas também a comunicação e a interação cotidiana da criança, que muitas vezes ocorre de forma plena apenas no ambiente escolar (ALVES; GOMES, 2020; KRAEMER; ZILIO, 2022). Nesse sentido, o ambiente escolar, para esses alunos, pode ser compreendido como o lugar de conforto linguístico, por permitir uma comunicação mais abundante. Pensar a translinguagem como o

transitar entre línguas, entre outras possibilidades, exige algumas ressalvas na educação de surdos.

A alternância de línguas para os surdos brasileiros somente é possível quando sua escolarização é baseada verdadeiramente nos princípios de uma educação bilíngue de qualidade. Que se responsabiliza pelo desenvolvimento linguístico e cognitivo do seu alunado, de forma a proporcionar a aquisição da língua de sinais como primeira língua e, por meio, dela o ensino dos conteúdos e a produção de conhecimento na escola, incluindo o ensino do português, na modalidade escrita (SANTIAGO; ANDRADE, 2013, p. 160).

Em outras palavras, partir da perspectiva translinguística na educação de surdos pressupõe não abrir mão da exigência de uma educação bilíngue efetiva, respeitando a aquisição linguística na língua de modalidade acessível sem, com isso, restringir a educação de surdos a duas línguas, e tendo em conta que a contemporaneidade nos exige o domínio de uma multiplicidade de linguagens. Para Swanwick (2017), repensar a educação de surdos exige focar em questões de língua e de aprendizagem, o que envolve reconceitualizar língua e linguagem e o que elas podem fazer. Isso requer tomar a língua e a linguagem como ferramentas dinâmicas para aprender (SWANWICK, 2017). É com esse olhar que analisaremos as narrativas de youtubers surdos, no sentido de uma perspectiva aditiva, que some e amplie possibilidades linguísticas.

Educação de Surdos na sociedade digital

Neste texto, muitas vezes refiro a contemporaneidade como um tempo distinto que exige repensar os modos de ensinar e aprender. Longe de caracterizar de forma integral o que entendo por contemporaneidade, limito-me a caracterizá-la em apenas um aspecto e seu desdobramento, visto que é o que diz respeito a essa reflexão: a digitalidade, e a forma como interagimos a partir dela. A sociedade em rede, como chamada por Castells (1999), implica uma série de fatores que independem de nossas escolhas. Conectados ou não, a tecnologia digital atravessa nossas vidas de forma direta ou indireta e se impõe sem a possibilidade de optarmos por ela ou não. A forma como a contemporaneidade é compreendida, neste texto, é marcada por um modo de ser e estar no mundo que se afasta de uma essência fixa e estável, e que apresenta contornos flexíveis que se moldam orientados pelas tradições culturais (SIBILIA, 2016). Como se retirássemos uma amostra desse mundo, a ideia de olhar para narrativas de youtubers surdos mostrou-se uma alternativa produtiva por entender que eles são uma produção própria do mundo digital. Para Sibilia (2016), o youtuber é uma espécie de celebridade da internet que passou a fazer fama e obter ganhos monetários por meio da postagem de vídeos e da influência de uma massa de seguidores, fazendo dessa prática o seu trabalho. Ainda segundo a autora, as práticas do youtuber, que giram em torno de um modo específico de interação, permitem observar uma cultura caracterizada pela digitalidade e que tem moldado nossos modos de ser e estar no mundo, bem como de nos relacionarmos. Sibilia (2016) diz que as experiências são influenciadas pelas interações com os outros e com o

mundo, e, nesse cenário, não se pode negar o papel da cultura na conformação do que se é. Desse modo, compreende-se que, quando ocorrem mudanças nas formas como nos relacionamos, “o campo da experiência subjetiva também se altera, num jogo extremamente intrincado, múltiplo e aberto” (SIBILIA, 2016, p. 27). Assim, é a partir da leitura dessa experiência, produzida nas formas de relação e interação possibilitadas pela digitalidade, que são utilizadas narrativas de youtubers surdos, sujeitos ambientados na digitalidade.

De acordo com Rosado e Taveira (2019), a internet e a computação, o que inclui computadores, smartphones e tablets, dão a possibilidade do uso, da produção e da publicação em larga escala de vídeos digitais. Esse fenômeno é descrito pelos autores como uma ecologia midiática da imagem em movimento, que é alimentada por uma “constelação de pequenos novos produtores em suas casas e estúdios particulares, os *youtubers* e *vloggers*, para os vídeos, e os *bloggers*, para os textos” (ROSADO; TAVEIRA, 2019, p. 356-357). A escolha por vídeos da plataforma YouTube como fonte de material representa um componente dessa ecologia midiática da imagem em movimento, servindo como possibilidade de produção linguística em modalidades possíveis para pessoas surdas. Nela, é possível fazer uso de recursos tanto audíveis, como a narração em língua vocalizada e as trilhas e efeitos sonoros, quanto visuais, como a língua sinalizada e as legendas em língua escrita.

Tendo estabelecido a escolha por canais da plataforma YouTube, uma primeira busca foi realizada a fim de encontrar os canais de youtubers surdos mais populares. Desse modo, quatro matérias que comentavam uma lista de canais foram localizadas e, a partir delas, os canais que se repetiam em todas foram os escolhidos. A partir disso, nove canais foram selecionados. Considerando a intenção de focar na experiência subjetiva dos youtubers, foram buscados vídeos nos quais os youtubers falavam de si mesmos. Dentre os formatos de vídeo recorrentes em canais de youtubers, estão os marcados como *coisas sobre mim* e *#responde*, nos quais o youtuber responde perguntas de seguidores, geralmente sobre ele mesmo. Nesse recorte, foram localizados 24 vídeos e, a partir de suas transcrições, foram procuradas recorrências que possibilitassem a identificação de marcas trazidas pela contemporaneidade digital em suas experiências subjetivas. Não se pôde delimitar grupos bem definidos para a análise nas narrativas selecionadas; porém, desenvolveu-se, como estratégia analítica, buscar aquilo que era novo, narrativas que explicitassem algum ineditismo com relação a discursos recorrentes entre a comunidade surda.

Importa considerar que os sujeitos dessa pesquisa não são anônimos, mas amplamente conhecidos nas mídias digitais. Ainda que sejam figuras conhecidas, faz-se uso de suas narrativas enquanto pessoas que encontram uma oportunidade de narrar-se em sua primeira língua na plataforma YouTube, compreendida nesse contexto como um espaço de tradução de modos de ser. Desse modo, embora a fama seja um aspecto inegável, suas narrativas são utilizadas como amostras do que se compartilha entre sujeitos digitais.

Ainda, observou-se características que podem ser compreendidas como uma ampliação comunicacional e linguística em narrativas, tais como a do youtuber Léo Viturino ao afirmar: “minha língua materna é Libras, mas faço parte da cultura dos ouvintes também por ser bilíngue (Libras e Português) e ter muita influência dos ouvintes” (VITURINNO, 2016).

A afirmação contrasta com narrativas de surdos de gerações anteriores, que costumavam relacionar-se com a língua oral de outro modo, o que intencionava uma inversão epistemológica, dada a necessidade de afirmação da língua como componente identitário legítimo. Isso pode ser observado na afirmação de Perlin, pesquisadora reconhecida por ser a primeira pessoa surda a obter o título de doutoramento no Brasil: “Continuamos a dizer que somos normais com nossa língua de sinais, com o nosso jeito de ser surdos” (PERLIN, 2007, p. 10). Na narrativa de Mourão (2011), destaca-se a relevância da língua de sinais ao afirmar que essa é sua língua, a língua de posse, enquanto a língua portuguesa é “apenas” sua segunda língua. Conforme o autor,

Ela (uma aluna) ficou surpresa que eu era surdo, mas me comunicava pela oralidade (não quer dizer que sei falar oralmente com perfeição - é apenas minha segunda língua portuguesa) [...]. Então expliquei para meus alunos e alunas sobre minha língua de sinais e cultura surda (MOURÃO, 2011, p. 32).

As falas de Perlin e de Mourão evidenciam traços da luta pela legitimação do ser surdo como possibilidade, como um modo próprio de ser que, naquele contexto, representava-se no reconhecimento da língua de sinais como validação de uma cultura surda. É possível entender como uma tradução da condição em que se deram suas constituições: uma educação de adaptações que não priorizava a diferença linguística e uma formação que necessitava da afirmação da capacidade. Em outro momento, a geração de Léo Viturinno tem tido uma formação escolar que, ainda que não seja aquela idealizada pela comunidade surda, aproxima-se mais do modelo desejado ao priorizar a modalidade linguística visual gestual em contextos. Em outro vídeo, os youtubers e irmãos Tainá e Andrei (VISURDO, 2020) falam de suas datas de nascimento, 2001 e 1994, e opinam que houve uma grande mudança na vida dos surdos no início dos anos 2000. O debate sobre a necessidade do acesso à Libras e sobre a condição da surdez tornou-se mais visível nos últimos anos e passou a circular por espaços escolares e acadêmicos. Por meio de uma série de políticas públicas, a Libras e a comunidade surda têm sido cada vez mais conhecidas a nível nacional. O Decreto nº 5.526 (BRASIL, 2005) que regulamenta a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002) promove condições linguísticas que respeitam a diversidade de alunos surdos ao garantir o uso e a difusão da língua, o ensino e o acesso à Libras, entre outros aspectos. As narrativas de Léo Viturinno, Andrei e Tainá refletem uma trajetória de vida diferente das de Mourão e Perlin, que representam, em suas narrativas, um histórico de luta pelo reconhecimento linguístico e identitário, evidenciando a resistência pela defesa da língua de sinais. Nas narrativas dos jovens youtubers, a afirmação é outra: eles fazem “parte da cultura ouvinte também, por [serem] bilíngues” (VITURINNO, 2016).

Diversas pesquisas sobre surdos e suas relações com as tecnologias digitais (DIDÓ, 2012; MOREIRA, 2012; GOETTERT, 2014; CLAUDIO, 2016) enfatizam as mudanças na comunicação e na interação. Ao observar as narrativas desses youtubers, junto a essas pesquisas, é possível inferir que ser bilíngue é fundamental e parece acontecer à medida que é necessário estar conectado. A afirmação por uma identidade bilíngue reivindicada por tantos anos pela comunidade surda brasileira parece ressoar no discurso dos jovens

youtubers. Porém, as formas como se apresentam evidenciam um repertório que ultrapassa as duas línguas do bilinguismo surdo, que costumavam se limitar à língua de sinais e à língua portuguesa escrita. Além do uso de gírias próprias da língua oral portuguesa, como *cabô* para representar *acabou*, observa-se o uso frequente de expressões da língua inglesa, como *hello* para cumprimentar os espectadores. Também é possível encontrar, dentre os canais analisados, vídeos em que se disponibiliza legenda em língua inglesa. Os vídeos analisados são compostos por tudo aquilo que atravessa as experiências dos youtubers. Assim, suas narrativas trazem elementos que não necessariamente são limitados por uma nacionalidade ou identidade, mas estão disponíveis e, para que possam ser apreciadas por qualquer um, estão acessíveis. Na ampliação linguística observada, para além de uma característica bilíngue, é possível ler uma postura cosmopolita nos sentidos conferidos por Beck (2018), que apresenta a “geração da metamorfose”, cuja existência e ações não se baseiam em ação política, mas em sua existência digital: “Essas gerações encarnam o *a priori* digital” (BECK, 2018, p. 240). Nessas narrativas, as representações da defesa identitária e da cultura surda estão presentes, porém se fazem visíveis graças à existência digital desses sujeitos. Desse modo, a comunicação impõe-se ao surdo.

As línguas, nesse contexto, são entendidas como componentes de um repertório comunicativo do sujeito, constituintes das formas de uso da língua e outros modos de comunicação e interação (RYMES, 2014). Não só o uso de expressões em inglês tem se apresentado como algo habitual, ao mostrar usos que tornam a língua cada vez menos estrangeira e aproximá-la cada vez mais do uso comum, como também o contato com pessoas estrangeiras passa a fazer parte do cenário, como em vídeos dos canais de Léo Viturino e Larissa Jorge, em que aparecem seguidores internacionais. Segundo Beck (2018), uma reconfiguração de visão de mundo nacional amplia-se devido a efeitos colaterais de uma modernização bem-sucedida. No recorte delineado neste artigo, observa-se uma reconfiguração de visão de mundo de um grupo particular que se centrava predominantemente em si mesmo e dentro de possibilidades linguísticas limitadas, e que agora possui representações de uma ampliação, a qual recebe uma maior visibilidade e aceita comunicar aos de fora: tanto aos de fora de sua comunidade surda como aos de fora de seu país. Essa aceitação se dá, porque, na centralidade dessas práticas, está a necessidade de comunicar-se para alcançar mais pessoas.

Ao explorar a relevância da teoria translíngue na educação de surdos, Swanwick (2017) questiona como entendemos o uso e a experiência linguística de crianças surdas diante da pluralidade e diversidade linguística atual. A autora nos provoca a repensar as formas como vemos nossos alunos surdos, visto que, ao assumir uma perspectiva diferente sobre a diversidade e o pluralismo linguístico de surdos, faz-se necessário repensar sua educação. Os conceitos levantados por Swanwick renovam questões as quais estamos habituados a ver circular na educação de surdos. Atitudes como substituir o bilinguismo pela pluralidade e diversidade linguística possuem o poder de tornar práticas educacionais e comunicacionais mais amplas e abrangentes, o que permite aumentar as possibilidades de alunos surdos. García e Wei (2014) fazem um importante destaque relativo às novas tecnologias, afirmando

que representam a possibilidade de produção de textos de linguagem mais fluida. Gêneros textuais como e-mails, fóruns de discussão online, blogs e mensagens instantâneas “trouxeram à tona a translinguagem na escrita multimodal” (GARCÍA; WEI, 2014, p. 27).

É importante ressaltar que de nenhuma forma isso significa que a aquisição e o desenvolvimento da língua em modalidade visual gestual como primeira língua sejam menores ou possam ser colocados em segundo plano. Pensar no multilinguismo requer uma sólida base linguística em línguas acessíveis. Ainda que a discussão empreendida neste artigo concentre-se em práticas multilíngues e refira-se à possibilidade de transitar entre línguas, cabe enfatizar que sem uma língua de partida não há possibilidade de discutir uma perspectiva translíngua. Assim, a língua de sinais também se apresenta como língua de possibilidade de acesso a outras línguas e linguagens.

De acordo com Baker (2011), o que orienta as políticas e práticas linguísticas no contexto educacional de surdos é a idade e o nível de escolaridade. Conforme o autor, em relação a crianças mais velhas com línguas mais bem desenvolvidas, é viável e desejável o uso concomitante de duas línguas. Diferentemente, para crianças mais jovens em estágio evolutivo inicial, deve-se estabelecer limites que se adequem à fase de desenvolvimento linguístico.

Conforme Quadros (2017, p. 1), a língua de herança “é, normalmente, a língua da família, em um contexto no qual outra língua é falada nos demais espaços sociais, tais como a escola e a mídia”. É verdade que essa é uma possibilidade para famílias de surdos, porém a maior parte dos usuários da língua de sinais não a herda no contexto familiar. Segundo Witchs (2018), a forma como se cultiva a Libras como língua plena, que significa também um símbolo de contraconduta, segue sob responsabilidade de famílias surdas, na condição de língua de herança. Porém, em geral, as crianças surdas nascem em lares ouvintes e, com exceção de poucos casos, não se desenvolvem tendo a “língua de sinais como um envolvente linguístico adequado, e seu desenvolvimento de linguagem tende a acontecer tardiamente por causa disso, o que pode ocasionar diferentes transtornos de linguagem e atrasos cognitivos” (WITCHS, 2018, p. 177). Desse modo, não há mecanismos que assegurem e orientem a aquisição da língua de sinais em um período que anteceda a escola. É comum que crianças surdas brasileiras tenham sua inserção escolar e seu primeiro contato com a língua de sinais aos 6 ou 7 anos, idade em que iniciam na educação básica. Assim, tendo em conta o respeito ao desenvolvimento linguístico de cada criança, há grandes desafios quando o assunto é o desenvolvimento linguístico de crianças surdas, principalmente em contextos como o brasileiro, que não preveem espaços específicos para a aquisição precoce da língua de sinais. Cabe, contudo, refletir, a partir do contexto digital, como a circulação da língua de sinais, acessível por meio de mídias digitais imagéticas, pode representar a redução da distância entre a criança surda e uma educação linguística possível.

Outra distinção a ser considerada no contexto digital é a “supremacia da imagem” e a constante exposição imagética dos indivíduos (COSTA, 2007). Conforme Barbosa, Araújo e Aragão (2016), há maior rapidez na comunicação e circulação de informações, e um de seus efeitos é “o crescente papel da imagem em diferentes contextos dos relacionamentos

humanos” (BARBOSA; ARAÚJO; ARAGÃO, 2016, p. 624). A facilitação de manipulação e edição de imagens e vídeos também são elementos que permitem a multiplicidade de textos multimodais, dando abertura para a entrada de diversos elementos sonoros, imagéticos e com movimento. É possível observar o uso de recursos desse tipo na seguinte imagem.

Figura 1 – Chuva de dinheiro



Fonte: CASTEJON, 2018.

O youtuber Beto Castejon utiliza uma montagem imagética que simula uma chuva de dinheiro sobre si mesmo ao dizer que gostaria de ser rico. A forma como o youtuber faz uso dos recursos imagéticos não depende do uso de uma linguagem verbal para a compreensão do que é comunicado, demonstrando o potencial do ambiente digital na ampliação de possibilidades comunicativas ao somar formas não verbais ao jogo interativo entre o youtuber e os seus espectadores. A possibilidade também permite que aqueles que não dominam a língua de sinais participem da interação, podendo fazer uso de outras linguagens na construção de sentidos proposta. De acordo com Paiva (2016, p. 379), “as tecnologias de comunicação digital têm forte impacto na interação humana, especialmente quando mediadas por tecnologias móveis e, como consequência, introduzem mudanças na linguagem”. A partir das reflexões de Paiva (2016) e Sibilía (2016), é possível compreender a relação entre uso e interação por meio de tecnologias e o modo como as línguas evoluem, levando, por exemplo, à adição de novos elementos próprios da comunicação não verbal, como os emojis – pequenas figuras que representam emoções, utilizadas principalmente em plataformas de mensagens instantâneas, como o WhatsApp. Logo, são um recurso que se torna uma unidade de sentido para aqueles que fazem uso desse tipo de tecnologia. Essas evidências apontam para uma ampliação dos contextos comunicacionais, passando a viabilizar interações por meio de recursos verbais ou não verbais. Conforme Rocha e Maciel (2019), textos multimodais são mais visíveis e interativos, e essa característica está redefinindo os usos dos recursos dos quais a linguagem dispõe. A multimodalidade, aqui, não se representa apenas nos recursos da linguagem imagética, possibilitados por aplicações de edição de vídeo, como nas próprias línguas; também é observada em outros recursos, como em legendas em língua portuguesa, em língua inglesa e, por vezes, em sua tradução em língua vocalizada.

Considerações finais

De quem é a língua de sinais? Dar a uma língua o status de propriedade tem significados distintos em diferentes contextos. Para Nascimento (2019), pesquisas referenciais que delineiam as discussões dos movimentos das comunidades surdas frequentemente se subvertem em frases mandatórias, tais como “a Libras é a língua própria dos surdos” ou “Português deve ser a segunda língua dos surdos”, e também “os surdos precisam de uma educação bilíngue”. Essas são ideias que “constituem a base daquilo que se prega como verdade nos discursos acerca da educação de surdos” (NASCIMENTO, 2019, p. 25). Conforme o autor,

na medida em que a libras se transforma em símbolo de identidade por meio do qual os surdos se reconhecem e se constituem como comunidade, esse mesmo símbolo também inscreve o ouvinte como estrangeiro, que não faz parte dessa comunidade, ou o faz em momentos oportunos (NASCIMENTO, 2019, p. 14).

Ao analisar o peso semântico de “própria” em “língua própria dos surdos”, Nascimento (2019) encontra a noção de posse, que possibilita a interpretação que determina a Libras como propriedade da comunidade surda. Contudo, o autor observa que isso acaba por resumir a língua à ideia de posse de um ou outro grupo, o que pode ser arriscado por possibilitar reduzir a força das línguas e dar condições para a criação de formas de controle e governamento que permitam transitar nessa fronteira. Diante disso, Nascimento (2019) propõe que pensemos em mecanismos discursivos que sejam menos restritivos, se, afinal, o que se almeja é a constituição de um bilinguismo mais “natural” – “Natural, aqui, no sentido de que se daria nas relações com convites mais abertos, e não em seu sentido puro” (NASCIMENTO, 2019, p. 89).

Interessam, à presente discussão, as noções de maior abertura e menor restrição para considerar duas características da contemporaneidade que se destacam nesse contexto: o atravessamento digital e todas as possibilidades que a digitalidade implica, e a característica multilíngue potencializada pelas possibilidades da translinguagem. Nesse sentido, surdos e ouvintes possuem possibilidades de interação e comunicação inéditas e, a partir do que se observa nos vídeos analisados, de produzir reflexões sobre educação de surdos, abrindo a maneira como pensamos as práticas para a diversidade de línguas e linguagens possíveis.

Observa-se que a multimodalidade possibilitada pelos recursos da digitalidade representa a oportunidade de ampliar a perspectiva da educação linguística de surdos ao permitir a acessibilidade e uma gama infinita de produção de significados por meio dos recursos disponibilizados pelas tecnologias. Assim, propõe-se subverter as noções de posse linguística (língua própria dos surdos ou dos ouvintes), no intuito de compor noções compatíveis com a multiplicidade linguística que emerge das relações cosmopolitas contemporâneas.

Enfatiza-se que, ainda que se proponha pensar a educação de surdos a partir de uma perspectiva translíngue e de políticas e práticas multilíngues, destaca-se a imprescindibilidade

da aquisição da primeira língua em modalidade visual gestual, sem a qual não há base para próximos passos. Dito isso, a educação bilíngue de surdos, ainda que siga sendo prioridade, não deve representar o objetivo final da educação de surdos, sendo apenas o ponto de partida para uma educação linguística compatível com uma sociedade digital.

Referências

- ALVES, Jessika Figueiredo; GOMES, Jacqueline De Souza. Educação de pessoas surdas em tempos de pandemia: linguagem, pensamento e relações de poder. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 6, n. especial, p. 306-319, 2020.
- BAKER, Colin. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. 5. ed. Bristol: Multilingual Matters, 2011.
- BARBOSA, Vânia Soares; ARAÚJO, Antonia Dilmar; ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 16, n. 4, p. 623-650, 2016.
- BECK, Ulrich. *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 94 nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 de dezembro de 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 de abril de 2002.
- CANAGARAJAH, Suresh. Codemeshing in Academic Writing: Identifying Teachable Strategies of Translanguaging. *The Modern Language Journal*, v. 95, n. 3, p. 401-417, 2011.
- CASTEJON, Beto. *SE EU FOSSE THE FLASH... #BETORESPONDE 1*. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (6 min 34 s). Publicado pelo canal Beto Castejon. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JzopSuuEZYU>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CLAUDIO, Janaína Pereira. *A cultura dos sujeitos comunicantes surdos: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no Facebook*. 2016. 293 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.
- CONJUVE. Juventudes e a pandemia do coronavírus: 2ª edição relatório nacional. *CONJUVE*, [S. l.], 2021. Disponível em: https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/08/JuventudesEPandemia2_Relatorio_Nacional_20210702.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.
- COSTA, Bruno. Videografias de si. Registros do novo Ethos da contemporaneidade. *Cadernos da Escola de Comunicação*, v. 5, p. 1-15, 2007.
- DIDÓ, Natália. *As mídias digitais na educação de surdos: a contribuição do telefone celular*. 2012. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Especialista em Mídias na Educação) – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DUARTE, Aline Behling; AIRES, Débora Medeiros da Rosa; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. O que significa ser bilíngue para surdos usuários de língua brasileira de sinais e língua portuguesa: uma investigação sobre bilinguismo bimodal e ideologias linguísticas. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 15, n. 32, p. 49-68, 2021.

FU, Danling; HADJIOANNOU, Xenia; ZHOU, Xiaodi. *Translanguaging for Emergent Bilinguals: Inclusive Teaching in the Linguistically Diverse Classroom*. New York: Teachers College Press, 2019.

GARCÍA, Ofelia; WEI, Li. *Translanguaging: language, bilingualism, and education*. London: Palgrave Macmillan, 2014.

GOETTERT, Nelson. *Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos: da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua escrita*. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

KRAEMER, Graciele Marjana; ZILIO, Virgínia Maria. Educação de surdos na pandemia: a lógica contábil do sacrifício. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 27, n. 3, p. 1-14, 2022.

MOREIRA, Liliane Ribeiro. *As redes sociais como forma de desenvolvimento da comunicação dos estudantes surdos incluídos na escola pública estadual em Campos dos Goytacazes–RJ*. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2012.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais*. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NASCIMENTO, Gabriel Silva. *A língua própria do surdo: a defesa da língua a partir de uma subjetividade surda resistente*. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A linguagem dos emojis. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 55, n. 2, p. 379-401, 2016.

PERLIN, Gladis. Prefácio. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Arara Azul, 2007. p. 9-13.

PINHEIRO, Petrilson; ROCHA, Cláudia Hilsdorf; COPE, Bill; KALANTZIS, Mary; TZIRIDES, Anastasia Olga (Olnancy). Sentidos sem Fronteiras para uma Educação Linguística Transformadora: Translinguagem e Transposição na Era do Significado Multimodal e Mediado Digitalmente em Tempos Pandêmicos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 22, n. 2, p. 331-352, 2021.

QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de herança: língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.

ROCHA, Claudia Hilsdorf; MACIEL, Ruberval Franco. Multimodalidade, letramentos e translinguagem: diálogos para a educação linguística contemporânea. In: SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; MACIEL, Ruberval Franco (Org.). *Formação e prática docente em Língua Portuguesa e Literatura*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 117-144.

ROSADO, Luiz Alexandre Da Silva; TAVEIRA, Cristiane Correia. Proposta de uma Gramática Visual para Descrição e Análise Composicional de Vídeos Digitais em Línguas de Sinais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, n. 3, p. 355-372, 2019.

RYMES, Betsy. *Communicating Beyond Language: Everyday Encounters with Diversity*. New York: Routledge, 2014.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres; ANDRADE, Cristiane Esteves de. Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e participação social. In: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (Orgs.). *Libras em estudo: política linguística*. São Paulo: Feneis, 2013. p. 145-163.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SWANWICK, Ruth. *Languages and languaging in deaf education: A framework for pedagogy*. Professional Perspectives on Deafness: Evidence and Applications. Oxford University Press: New York, 2017.

VISURDO. *20 curiosidades sobre nós*. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (9 min 28 s). Publicado pelo canal Visurdo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JyzREpVkJCy0>. Acesso em: 05 jul. 2022.

VITURINNO, Léo. *TAG: 15 Fatos sobre mim | Libras • Léo Viturino*. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (4 min 34 s). Publicado pelo canal Léo Viturino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=90TxcTKe2x8>. Acesso em: 05 jul. 2022.

WITCHES, Pedro Henrique. *Governo linguístico em educação de surdos: práticas de produção do Surdus mundi no século XX*. 2018. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

WITCHES, Pedro Henrique; LOPES, Maura Corcini. Vulnerabilidade linguística e educação de surdos. *Momento - Diálogos em Educação*, v. 29, n. 1, p. 203-221, 2020.

Recebido em: 30/09/2022.

Aceito em: 30/04/2023.